

## Editorial

No histórico *Dorotheenstädtischer Friedhof*, em Berlim, entre celebridades do mundo da intelectualidade e da cultura encontram-se, um ao lado do outro, as lápides de Hegel e o de Fichte. Pode surpreender saber que justamente Hegel, que faleceu quase dezessete anos depois de Fichte, manifestara o desejo de ser enterrado ao lado de Fichte e Solger, como testemunha uma carta a Creuzer (carta de 30.10.1819), escrita por ocasião do falecimento de Solger. Além dos motivos contingentes que motivaram esta escolha, essa “proximidade eterna” para com o seu antecessor na cadeira de filosofia da Universidade de Berlim pode servir de metáfora para pensar as relações entre o pensamento dos dois filósofos.

É notória, a importância do confronto com Fichte para a formação e desenvolvimento do sistema de Hegel, lembremo-nos os dois escritos de Jena *Differenzschrift* e *Glauben und Wissen*, onde o jovem Hegel declara que o princípio primeiro da filosofia de Fichte é verdadeiramente especulativo. Porém Hegel não poupa o filósofo de Rammenau de críticas muito duras, aliás são justamente as reflexões sobre as falhas e as incongruências das filosofias de Kant e Fichte que permitem a formação do idealismo absoluto hegeliano. Contudo o confronto com Fichte não se faz presente apenas nas obras de Jena, mas acompanha a filosofia de Hegel até os últimos cursos de estética ministrados em Berlim em 1830, quando vemos retomada a acusação de formalismo do primeiro princípio da filosofia que constitui o fundamento da filosofia pre-romântica de F.Schlegel.

Em geral podemos afirmar que Hegel atribui a Fichte dois méritos fundamentais: o primeiro é o de ter compreendido o absoluto como atividade livre e espontânea, ou seja como eu, e, com isso, ter suprassumido a vacuidade do eu penso kantiano; o segundo é o de ter tentado, a partir deste absoluto, conferir à filosofia uma forma sistemática. Paradoxalmente precisamente este primeiro ponto é também o alvo polêmico principal do filósofo de Stuttgart. Segundo Hegel, Fichte não consegue ir além da posição imediata da autoconsciência e isso afeta o seu sistema como um todo que assim acaba por se revelar expressão de um idealismo subjetivo.

Os textos deste número apresentam, a partir de diferentes pontos de vistas e em relação a obras diferentes, vários aspectos deste confronto filosófico que chamamos de “proximidade eterna”. O artigo de Gaetano Rametta, que abre o nosso número, percorre e resume o

pensamento de Fichte na sua unidade, abrangendo tanto o período de ensino de Fichte em Jena, quanto o em Berlim. É verdade que Hegel refere-se predominantemente à *Grundlage*, ou seja à primeira exposição da doutrina da ciência. Vale porém considerar que Fichte melhora, aprimora e em parte incorpora o ponto de vista da *Grundlage* num horizonte de pensamento mais amplo que leva em conta as críticas de contemporâneos -- dentre eles Jacobi, Novalis e Hölderlin -- e ao mesmo tempo defende o próprio ponto de vista contra “ex-amigos”, como Schelling por exemplo. Como mostra Rametta, Fichte, elaborando os conceitos de vida originária (*Urleben*) e de faculdade (*Vermögen*), consegue chegar a uma teoria da subjetividade que vai bem além de um estéril subjetivismo, além de aprimorar um sistema que, quando bem apreendido, responde antecipadamente as ulteriores críticas que Hegel vai lhe dirigir, testemunhando assim a sua própria e irreduzível originalidade. Por isso, mesmo não tendo documentos que atestem incontestavelmente uma leitura atenta das obras hegelianas por parte de Fichte, é possível considerar os dois filósofos de qualquer modo em diálogo pelo fato que os dois referirem-se ao mesmo contexto cultural, terem os mesmos interlocutores e responderem às mesmas questões fundamentais.

A questão do eu e da consciência é tema principal do artigo de Vittorio Ricci que aponta para a centralidade da *Grundlage* como “ponto estratégico” para pensar o confronto entre os dois filósofos. Ricci evidencia os traços em comum dos sistemas de ambos os filósofos que elaboram cada um uma “histórias conceitual do espírito” e mostra a relevância do pensamento de Fichte para Hegel. O artigo de Leonardo Abramovich também considera a primeira apresentação da doutrina da ciência e parte da concepção desta obra como projeto de aprimoramento, aprofundamento e solução das aporias deixadas por Kant na *Crítica da razão pura*. Fichte consegue ir além de Kant e mostrar como as categorias do entendimento surgem da própria natureza do pensamento e como a razão pode saber a si mesma sem se transformar num simples objeto. A formulação das críticas de Hegel à identidade do eu consigo mesmo, à sua oposição com o não eu, e por fim à limitação recíproca dos dois são objeto de uma atenta análise que acaba mostrando como a Ideia concebida por Hegel representa a “consumação” do projeto metacrítico de Fichte.

Sempre trabalhando no âmbito teórico, o artigo de Sebastian Schwenzfeuer mostra as afinidades da concepção de contradição dos dois filósofos. Em Fichte e Hegel a contradição é essencial para o método filosófico, nisso eles se distinguem da tradição aristotélica. Segundo

a interpretação de Schwenzfeuer, na *Ciência da Lógica* Hegel vai além de Fichte no sentido em que mostra que os membros da contradição são contraditórios neles mesmos.

Deixando de lado as questões exclusivamente teóricas, os artigos de Marica Rajkovic e Claudia Wirsing abordam aspetos relativos à estética e à cultura.

Rajkovic traz à tona a originalidade do pensamento estético de Fichte e a implícita potencialidade de superação do dualismo kantiano entre natureza e liberdade e mostra que justamente a partir das mesmas premissas se desenvolve a estética de Hegel que coloca como ponto fundamental a noção de espírito em detrimento da de natureza.

Wirsing mostra como o conceito de *Bildung* pode ser entendido de modo mais aprofundado a partir de dois conceitos fundamentais presentes tanto na filosofia de Hegel quanto na de Fichte – a saber, o conceito de dever (*Sollen*) e o de barreira (*Schranke*). Nesta tentativa de distanciar o conceito de *Bildung* da sua matriz moderna, ou seja da constatação da própria decadência, o artigo mostra o potencial das interpretações de Fichte e Hegel para a época contemporânea na medida em que contribui a reformular o conceito de *Bildung* no sentido de promover uma consciência crítica.

Os artigos de Joãozinho Beckenkamp e Federico Ferraguto abrem novas perspectivas do confronto entre Hegel e Fichte para além do esquema clássico de reconhecimento, crítica e superação.

Beckenkamp releva a parcialidade de Hegel no que diz respeito à historiografia da filosofia moderna e o evidente intento, atrás das críticas, de se colocar como ponto culminante de um desenvolvimento teórico que começa com a filosofia transcendental. Hegel tinha como alvo crítico constante a *Grundlage*, e não reconheceu a importância de muitos conceitos do *Sistema de ética* e do *Fundamento do direito natural* de Fichte, que sem dúvida conhecia e que contribuem a formar as categorias mais importantes da sua filosofia do espírito objetivo. Além disso, e este é o ponto central do artigo, Hegel conhecia o ensaio *Sobre o espírito e a letra na filosofia*, e esse escrito foi determinante na elaboração da filosofia do espírito de Hegel.

Ferraguto considera a o primeiro curso de lógica transcendental de Fichte, ministrado no verão de 1812. Aqui Fichte, introduzindo o seu curso fala de um “novo escritor de filosofia” que defende uma nova forma de dogmatismo e faz “acrobacias” para derivar o devir do ser. Ferraguto desenvolve e argumenta a hipótese de que este “novo escritor” seria justamente

Hegel e confronta o projeto geral da *Logica transcendental* de Fichte com a *Ciência da Lógica* de Hegel.

A variedade de temas e de abordagem da relação entre o pensamento de Fichte e o de Hegel demonstra a oportunidade do presente número da Revista de Estudos Hegelianos num momento de renovado interesse acerca do Idealismo alemão no Brasil, com isso porém não pretendemos esgotar o tema tão rico e desafiador da proximidade dos dois filósofos que revela-se uma tarefa eterna.

Giorgia Cecchinato, Federico Ferraguto